

Avenida Paulista: paradoxos no uso do espaço de um ícone turístico

Viviane Veiga Shibaki¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo deter-se a um viés da dissertação de mestrado “Avenida Paulista: da formação à consolidação de um ícone de São Paulo”, defendida em junho de 2007 no Departamento de Geografia da FFLCH-USP, que enfoca o paradoxo em relação ao uso do espaço público de uma avenida que é considerada um dos maiores ícones da metrópole, sendo cobiçada por organizadores de manifestações e grandes eventos. Foram realizadas entrevistas com os organizadores de alguns dos maiores eventos ocorridos nos últimos três anos: a Corrida Internacional de São Silvestre, a Parada do Orgulho GLBT e o 1º de maio da CUT, e, em contrapartida, com o representante do Ministério Público do Estado de São Paulo, a fim de revelar os motivos que tornam a avenida motivo de disputa. Assim, foram identificadas características que, somadas, transformaram a Avenida Paulista singular e a mantém como cartão-postal de São Paulo.

Palavras-chave: Avenida Paulista. Paradoxos. Espaço. Ícone Turístico.

Introdução

A Avenida Paulista, que neste artigo chamaremos apenas de Paulista, considerada como um dos maiores ícones turísticos de São Paulo é constantemente disputada por organizadores de eventos, megaeventos e manifestações, de diferentes tipos e origens, por agrupar atributos únicos dentro do espaço da metrópole.

Desta forma, a apropriação de seu espaço público é muito cobiçada, porém, dentro deste panorama existem muitas contradições, onde interesses públicos e privados intrínsecos ao turismo, cotidiano, direito à cidade e mobilidade se instauram, tornando o acesso à apropriação desse espaço público limitada e, conseqüentemente, excludente. Assim, este cartão-postal torna-se tema de densas reflexões e ponderações, sobretudo por estar localizada numa grande metrópole como São Paulo.

¹ E-mail. vvshibaki@usp.br

A Paulista constituiu, desde sua inauguração em 1891, certo atrativo que, por diversos motivos, sempre a colocaram em evidência, neste sentido, salientamos que os ícones, sobretudo urbanos se destacam na paisagem como forma representativa, como salienta Borde:

(...) um artefato – um objeto arquitetônico, uma organização espacial, etc – que possui um caráter sintetizador de uma série de forças sociais, culturais, políticas, econômicas, etc., que os faz significantes mesmo quando seu objeto não tenha mais existência e que através de certos elementos em comum com outros objetos podem ser usados para representar tal objeto. Desta forma, um ícone urbano e arquitetônico é um signo representativo dessas forças mesmo quando elas não estejam mais atuando em outro momento sócio-histórico. E, é justamente por representar esse valor, em um determinado momento, que esses artefatos podem ser considerados ícone em um outro momento, seja em relação a outros signos, ou àqueles que o utilizam nas práticas urbanas cotidianas, como referências projectuais, etc. (BORDE, 2003, p. 2)

De acordo com Azevedo Filho (1954), a Paulista possui exatos 2.473 metros de comprimento por 30 metros de largura, num terreno retilíneo e plano, o que também a caracteriza positivamente em relação à sua iconicidade, sendo que, desde que começou a ser habitada, atraía pessoas, tanto para passeio, quanto para provas esportivas e festejos de carnaval, como salienta Sevcenko:

A passagem da segunda para a terça-feira de carnaval marca um dos clímax mais sensacionais da vida na cidade, e a Avenida Paulista, em especial nas cercanias do Belvedere, é o topo por excelência do espaço urbano, de onde se podem observar desde as colinas centrais adjacentes, que compõem o corpo básico da urbe, até as várzeas mais distantes do Tietê, Tamanduateí e Pinheiros, que cercam a cidade fazendo com que ela pareça uma ilha, com sua moldura de águas lodosas, pontuada de casebres humildes por toda a extensão. (SEVCENKO, 1992, p.28)

Desta forma, os organizadores de eventos e manifestações privilegiam o uso de seu espaço público, inclusive por certo costume fixado através de décadas, causando muitas contradições com relação a este uso, pois de acordo com o Art. 5º - XVI da Constituição Federal, todos podem reunir-se pacificamente em espaços públicos, sem necessitar de autorização, apenas aviso prévio à autoridade competente. (MORAES, 2007, p.8).

Limites no uso do espaço público

Apesar desse direito ser garantido por lei, nos últimos anos ele tem sido cerceado e desde o ano de 2007 apenas três eventos estão autorizados a utilizar a Paulista: a Corrida Internacional de São Silvestre, o Reveillon na Paulista e a Parada do Orgulho GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros).

Esta restrição parte do Ministério Público do Estado de São Paulo, por meio da Promotoria de Justiça de Habitação e Urbanismo que, respaldada na premissa básica de garantir a acessibilidade, a mobilidade urbana e a fruição de um bem de uso comum do povo, firmou um TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) com a Prefeitura, limitando o uso do espaço público da Paulista a apenas três eventos ao ano, sendo que esta escolheu os eventos de acordo com critérios próprios.

Além disso, esta mesma Promotoria firmou, para o ano de 2007, outro TAC com a Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, disciplinando o uso da Paulista em seu espaço e tempo, ou seja, o evento deve ter hora para começar e terminar, começando às 12:00h à partir da Alameda Joaquim Eugênio de Lima em sentido à Rua da Consolação, terminando às 20:00h próximo à Praça Roosevelt, sendo que, o mesmo ocorreu no ano anterior, inclusive para a comemoração do 1º de maio da CUT (Central Única dos Trabalhadores).

Já com relação aos outros eventos, segundo o representante do Ministério Público, não foi necessário este tipo de limitação, ou seja, para a Corrida Internacional de São Silvestre e o Reveillon na Paulista, por estes ocorrerem no último dia do ano, onde a metrópole está menos adensada devido aos feriados de final de ano e férias, bem como por seu curto tempo de duração, reduzindo assim os impactos negativos referentes a estes eventos, como congestionamentos, por exemplo.

O Turismo receptivo de São Paulo foi muito beneficiado com a escolha desses três eventos, pois dentre a maioria que utilizava o espaço público da Paulista, como as comemorações de campeonatos de futebol, a Marcha para Jesus (evento religioso promovido pela Igreja Apostólica Renascer em Cristo), entre outros, não geravam um receptivo significativo em relação a receitas, como, por exemplo, o da Parada do Orgulho GLBT. De acordo com a pesquisa de perfil de público, a XI Parada do Orgulho GLTB, em 2007 (SPTURIS, 2007), recebeu, de acordo com os organizadores do evento, mais de 3,5 milhões

de pessoas, a estimativa de ocupação hoteleira na região da Paulista ultrapassava os 85%, tendo este turista, um gasto médio diário de R\$268,67 e uma média de 4,21 pernoites no total, ou seja, este turista que vem participar da Parada fica mais tempo na cidade e usufrui de outros atrativos e serviços, como restaurantes, centros culturais, casas de shows, cinemas, teatros, parques, etc.

Já o Reveillon representa um fluxo bem menor de turistas, sendo que, em 2006, a média de público foi de 2,1 milhões de pessoas, estimado desse total 20% de turistas, porém, é um evento marcado por sua divulgação internacional (SPTuris, 2006).

Esses grandes eventos, ou como salienta a organização da Parada do Orgulho GLBT, que a considera como manifestação pública, reafirmam a metrópole com um perfil de eventos, negócios e cultural, de certa forma, consolidado, que atrai mais turistas a cada ano, como é o caso da Corrida Internacional de São Silvestre que teve que limitar a participação dos atletas em 15.000 corredores, devido à imensa procura, pois é realizada há mais de oito décadas, constando no calendário esportivo internacional.

Se considerarmos as dimensões dessas atividades, podemos relacioná-las como megaeventos, pois se caracterizam pela temporalidade, capacidade de atrair um número muito grande de participantes, sendo esses de diversas nacionalidades e, por chamar a atenção da mídia com repercussões mundiais. (RUBIO, 2005)

Esses megaeventos são de suma importância para a promoção da metrópole perante seus gestores, tanto diante de fluxos nacionais, quanto internacionais, pois acabam fazendo parte da produção do espaço-mercadoria, pois de acordo com Sánchez:

A produção do espaço-mercadoria envolve também a produção de representações que o acompanham. Esse espaço é concebido como lugar onde o privado se afirma, produzindo signos que parecem realizar desejos e fantasias de consumo moldados por valores da 'mundialidade' (SÁNCHEZ, 2003, p.48).

No caso da Paulista, seu espaço privado que está permeado de significados de poder e *status* é simbolicamente tomado nesta apropriação do público, ou seja, quando um evento toma toda a avenida está também se apropriando dessa representatividade inerente ao privado, formando, de certa forma, uma paisagem totalizadora, podendo até fazer parte das imagens-síntese oficiais das cidades, sobretudo serem expostas e reproduzidas pelos governos a fim de

tornar essas imagens simbolicamente eficientes, concretizando uma publicidade que consegue fixar seu reconhecimento por meio dessas imagens. (SÁNCHEZ, 2003, p. 115)

A idéia de cidade globalizada, que é aberta à diversidade, que possui diversos circuitos culturais, tem boa estrutura turística e abriga megaeventos pode ser utilizada para o turismo receptivo, sendo que o termo cidade global pode ser entendido como “‘cidade competitiva’, ‘conectada’, ‘globalizada’, ‘empreendedora’ e ‘flexível’” (SÁNCHEZ, 2003, p. 548).

Assim, por meio de pesquisa e das entrevistas realizadas, foram identificadas características que tornam a Paulista única no espaço da metrópole.

Dentre as características que a transformaram em ícone estão: **localização** no espaço urbano, pois foi aberta no espigão central de São Paulo, sendo que as duas vertentes desse espigão são dois dos principais rios da metrópole, o Tietê e o Pinheiros, além de estar próxima ao centro tradicional, diferenciando-se de outras avenidas que pudessem disputar em relação à localização; **prestígio**, pois desde sua abertura, onde foram construídos diversos casarões para uma elite oligárquica que se estabeleceu na época e, posteriormente sedes financeiras e centros culturais, mantendo sempre bom prestígio social; **acessibilidade**, pois seu espaço sempre foi contemplado em relação à malha de transportes, como, por exemplo cronológico, bondes de tração animal e elétricos, ônibus, metrô e automóveis; **simbologia**, independentemente das razões que a elegeram como um símbolo de São Paulo, há uma manutenção dessa simbologia por parte de manifestações públicas e privadas e mídia em geral; **visibilidade**, pois em seu espaço estão localizados vários transmissores e televisão e rádio, tendo com esses aspectos conexão contínua para o mundo todo em tempo real, o que atrai qualquer tipo de manifestação que deseja divulgação e; **âncoras culturais**², como o MASP (Museu de Arte de São Paulo), a Casa das Rosas e outros centros culturais que a tornam coesa e com vários atrativos. (SHIBAKI, 2007. p. 115)

Pelo menos três dessas características foram elencadas por todos os entrevistados, causando uma unanimidade na escolha da Paulista como espaço ideal para a realização desses eventos, tendo sido recusados outros espaços oferecidos, como a Avenida 23 de Maio e a Avenida Tiradentes.

² De acordo com Seabra (2004, p. 283), são considerados como âncoras culturais os atrativos culturais que, juntos, compõem um conjunto maior que, neste caso é a Avenida Paulista.

Considerações Finais

Diante deste panorama, percebemos as vantagens obtidas pelo turismo e também pelos gestores públicos na realização desses megaeventos, mas, por outro lado, existe o direito à cidade, que todos os cidadãos possuem igualmente, portanto poderiam realizar suas manifestações, ou eventos, neste caso, na Paulista.

Como exemplo disso, podemos citar a comemoração do 1º de Maio da CUT, que realizou shows no Dia do Trabalho na Paulista por três anos consecutivos (2004, 2005 e 2006), e a Marcha para Jesus, realizada pela Igreja Apostólica Renascer em Cristo, ambas, a partir do ano de 2007 não puderam realizar seus eventos na Paulista devido a este TAC assinado entre o Ministério Público Estadual e a Prefeitura.

Desta forma, tornam-se claras as atitudes excludentes no uso do espaço por parte dos órgãos públicos da metrópole, contradizendo o significado do público e do privado e do direito à cidade, preconizado por Lefebvre:

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade. (LEFEBVRE, 2001, p. 135).

Partindo da afirmativa de que a cidade deve ser boa e hospitaleira para o turista como é para seu habitante, estamos diante de um paradoxo vivido há tempos dentro de São Paulo, que possui a grandiosidade das cidades globais e, ao mesmo tempo, problemas de mesma dimensão, como violência, segregação, poluição, mobilidade etc.

Outro motivo levantado pela maioria dos organizadores de eventos que elegem a Paulista e dão preferência a ela é a questão da inexistência de espaços públicos na metrópole com as características a ela atribuídas, sendo algumas já mencionadas (amplo espaço plano, acessibilidade a meios de transporte, facilidade de dispersão de multidões, visibilidade e simbologia), sendo constatada também, a escassez de espaços para eventos, tanto públicos como privados, em toda a área metropolitana, fato este atribuído à grande expansão do espaço urbano aliado a falta de planejamento neste setor.

Apesar de a Paulista ser considerada um centro comercial e financeiro, nela existem 15 edifícios residenciais³, que servem de moradia para uma população de classe média que reside nos apartamentos mais amplos, sendo que a maioria dos apartamentos foram divididos e transformados em habitações pequenas de, no máximo, 2 cômodos, para uma população menos abastada que, na maioria das vezes trabalha na própria região.

Assim, além de todos esses problemas de ordem urbanística citados, existe a questão dos moradores, que nunca é exposta na pauta de todas essas discussões, pois a Paulista aparenta ser um espaço exclusivamente comercial e financeiro, expropriado de vida em seus espaços privados, além do horário comercial.

Diante disso, percebemos que o uso do espaço da Paulista está conformado sob estratégias permeadas de contradições, pois esse uso é limitado, existindo regras que devem ser cumpridas por todos, ocorrendo assim, uma espécie de “*privatização dos espaços públicos*” (ALVES, 2005, p. 144), onde ocorre uma forte tendência no reforço de um processo de seletividade, ou seja, limites visíveis e invisíveis.

Por ser um espaço que abriga moradias, somado ao trânsito congestionado, mesmo em finais de semana e feriados, sobretudo por ser um eixo de acesso a vários hospitais, remete aos problemas citados que são inerentes a grandes metrópoles extremamente adensadas. Portanto existe a legitimidade tanto por parte dos que querem se apropriar da Paulista para sua manifestação, festa, reivindicação etc., quanto para aqueles que a utilizam como via de tráfego ou até mesmo acesso a meios de transporte.

Com esses dados e por meio do constatado nas entrevistas e observações de campo, acreditamos que o caminho para a solução desse paradoxo é uma densa pesquisa de opinião onde todos os envolvidos (moradores, gestores, turistas, organizadores, etc.) pudessem ser ouvidos, inclusive com propostas de solução, de forma que ocorram decisões conjuntas e democráticas. Além disso, um estudo aprofundado sobre a questão de espaços para eventos em São Paulo, considerando as características públicas e privadas, também poderia colaborar na solução ou na minoração das conseqüências do uso dos espaços da metrópole.

³ De acordo com levantamento feito pelo Inventário da Avenida Paulista: a Paulista na atualidade, os 15 edifícios residenciais da Paulista são: Ed. Queen Elizabeth, no nº21; Ed. Arcádia, no nº66; Ed. Ribeirão Preto, no nº266; Ed. Artur Navajas, no nº282; Ed. Tuiuti, no nº347; Ed. Nações Unidas, no nº620; Ed. Silvana, no nº639; Conjunto Residencial Suíço, no nº671; Ed. Paulicéia, no nº960; Ed. Saint Honoré, no nº1195; Condomínio Ed. Milan, no nº1207; Ed. Baronesa de Arari, no nº1745; Ed. Três Marias, no nº2239; Ed. Luiz Trevisoli, no nº2416 e Ed. Anchieta, no nº 2584. (SHIBAKI, 2007)

A grandiosidade da Paulista como espaço que faz parte da vida dos cidadãos e, conseqüentemente é apropriada pelo Turismo, deve ser compreendida como um espaço de superação, ou seja, devemos contribuir para a solução dos conflitos estabelecidos pelo benefício de todos, cientes de que a complexidade do viver e sobreviver em grandes metrópoles requer o saber ceder e o saber reivindicar.

Referências

ALVES, Glória da Anunciação. São Paulo: uma cidade global. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; CARRERAS, Carles. *Urbanização e Mundialização: estudos sobre a metrópole*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 137-149.

AZEVEDO FILHO, Rocha. *Um pioneiro em São Paulo: Joaquim Eugênio de Lima*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1954.

BORDE, Andréa de Lacerda Pessoa. *Ícones urbanos arquitetônicos do Rio de Janeiro: contribuição dos sistemas simbólicos da cidade no século XX*. Rio de Janeiro, Fau-UFRJ. Disponível em: <<http://www.fau.ufrj.br/prourb/cursos/icones/aula03prourb.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2005.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MORAES, Alexandre. (org.). *Manuais de Legislação Atlas: Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Atlas, 2007.

RUBIO, K. Os jogos olímpicos e a transformação das cidades: os custos sociais de um megaevento. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2005, vol. IX, núm. 194 (9). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-9.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2008.

SÁNCHEZ, Fernanda. *A reinvenção das cidades para um mercado mundial*. Chapecó: Argos, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole; São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. 1. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHIBAKI, Viviane Veiga. *Avenida Paulista: da formação à consolidação de um ícone da metrópole de São Paulo*. 2007. 198p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SEABRA, Odete. São Paulo: a cidade, os bairros e a periferia. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. (Orgs.). *Geografias de São Paulo: representação e crise na metrópole*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 271-311.

SPTURIS. *Pesquisa Perfil de Público: XI Parada do Orgulho GLBT 2007*. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.cidadedesapaulo.com/pesquisa/pdf/relatorio_gltb.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2008.

_____. *10ª edição do Réveillon na Paulista marca consolidação da festa da virada em São Paulo*. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.cidadedesapaulo.com/noticias.asp?idMat=657>>. Acesso em: 26 mai. 2008.